

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - A INTEGRAÇÃO DO CINEMA

MIRIAM ALENCAR

Há dois anos, Fernando Duarte já era um dos melhores fotógrafos do cinema brasileiro. Através de seu trabalho em filmes como *Amazonas*, *Amazonas e Maranhão-66*, dois documentários de Gláuber Rocha, *Ganga Zumba* e *A Grande Cidade*, de Carlos Diegues, *Desesperato*, de Sérgio Bernardes Filho, etc. Desde então, atendendo a um convite para fazer parte da equipe de cinema do Instituto de Artes e Arquitetura da Universidade de Brasília, seu nome tem aparecido menos nas fichas técnicas dos filmes (*Vida Provisória*, de Maurício Gomes Leite; *Tostão*, de Ricardo Gomes Leite e Paulo Laender), mas ele está plenamente satisfeito com as possibilidades que a experiência de Brasília abriu para o documentário brasileiro.

— Quando fui para Brasília — diz agora Fernando Duarte — senti que, ali, longe dos grandes centros de produção de filmes, seria possível fazer um tipo de escola que não estivesse comprometido com as estruturas do mercado. A idéia básica era e é ampliar o mercado de trabalho através do cinema documentário, fazendo também novos valores mediante o trabalho em filmes de pesquisa, didáticos, científicos e experimentais.

O VALOR DO DOCUMENTÁRIO

Ao mesmo tempo que defende o documentário, Fernando Duarte lamenta que a crescente divulgação da televisão contribua para alienar hábitos e costumes, sufocando os valores culturais existentes em cada região do país, ao difundir sem maiores cuidados os estudos as imagens pré-fabricadas nos grandes centros.

— A importância do cinema documentário é divulgar, dentro do menor tempo possível, todo o potencial cultural brasileiro que não está registrado. O documentário nos permite contar a nossa própria história, nos vários setores. O folclore, por exemplo, especialmente no Nordeste está se extinguindo rapidamente, em função dos próprios meios de comunicação, da televisão, que vai matando essas bases culturais sem colocar nada no lugar. Os cantadores nordestinos praticamente já desapareceram, assim como o bumba-meu-boi no Maranhão, que ainda existe mas com tendência acentuada a desaparecer. E isso diz respeito à arte popular em geral, ao artesanato, e assim por diante.

Até agora nada existe em matéria de lei e regulamentação que realmente proteja o documentário, bem como o curta-metragem de pesquisa. A regulamentação do INC, que dá 28 dias por ano para a exibição dos curtos, carece de fiscalização e de critérios e, na verdade, não atinge objetivos reais. Ela incentiva filmes de gabinete, filminhos feitos apenas para obter a Classificação Especial e sem qualquer valor cultural. Com a sua criação, era necessário ser criado também um mecanismo de distribuição, que completaria esse pouco amparo que têm o curto e o documentário. Poucos são os filmes de valor real que chegam até o grande público, que continua desconhecendo o que se faz de importante neste setor.



Fernando Duarte e equipe da Universidade filmando Brasília Ano 10



Os alunos formam uma equipe interessada no cinema

O cuidado que tivemos, ao desenvolver o trabalho na Universidade de Brasília, foi no sentido de dar ao aluno uma visão real do mercado de trabalho. Através do curso, estamos criando mão-de-obra qualificada para funcionar nos diversos campos das artes, ciências e tecnologias, criando também novas perspectivas de atuação para os novos cineastas, dentro da nossa própria estrutura cinematográfica. Nesta abertura, tentamos atuar numa faixa que o cinema comercial não atingia; por isso mesmo, procuramos atrair a atenção das entidades culturais oficiais e particulares, das grandes empresas, como acontece nos países desenvolvidos, pioneiros na idéia, como a Inglaterra. Até hoje, a National Film Board, do Canadá, é um grande mercado de trabalho e também de público.

O TRABALHO EFETIVO

— Mesmo dentro da Universidade, muitos problemas surgiram e o maior deles foi a falta de equipamento de trabalho, câmaras, mesa de montagem, gravadores, mas este ano tudo deverá ser definitivamente resolvido. Temos, por exemplo, no ciclo básico, as oficinas de cinema, em três níveis: preparação do espectador e introdução ao profissionalismo. O primeiro trata da linguagem cinematográfica, alguns elementos de técnica de cinema, sem sentido direcional. Visa o público. No segundo, já direcionado, o aluno aprende elementos de montagem, fotografia, som, roteiro e direção, em linhas gerais. Daí o aluno passa para o ciclo profissional, com quatro disciplinas: Técnica de Planejamento, Técnica de Filmagem, Técnica de Montagem e Análise do Filme. Através desse trabalho, quase todo prático, o aluno está incluído nas equipes de filmagem que são organizadas em função de uma produção. Dentro da equipe, o aluno faz um rodízio, atuando em várias funções em cada produção, o que lhe dá uma visão ampla das diversas especializações cinematográficas.

O Curso de Cinema pertence ao Departamento de Artes Visuais e Cinema do Instituto de Artes e Arquitetura da UNB. O Instituto é dirigido pelo arquiteto Miguel Alves Pereira. O Curso de Cinema é chefiado por Vladimir Carvalho, e conta em sua equipe, também, com os nomes de Ceci Thiré e de Heinz Porthman, especialista em filmes etnográficos, prêmio Saei do documentário, que funciona como professor de Fotografia, e chefiar o Centro de Recursos Audiovisuais.

O Instituto tem uma programação previamente estabelecida para cada semestre, que inclui a realização de filmes documentários, diretamente vinculada ao plano didático. O trabalho de elaboração do filme é discutido entre alunos e professores. Todo trabalho é aberto e integrado, tanto com os departamentos do Instituto de Artes como com os demais departamentos da Universidade, numa integração total. Recebemos também ajuda do Departamento de Cinema da Escola de Comunicações da USP, onde os filmes são montados, também por alunos.

Independente do trabalho de equipe, o aluno, no terceiro semestre do Curso, tem a responsabilidade de elaborar um roteiro, baseado em pesquisas já efetuadas. No último semestre são realizados os filmes, considerados trabalhos de tese, para a formação profissional. Podem ser realizados um ou mais filmes, dependendo do número de alunos que estejam em fim de curso. Nêles, os alunos do ciclo profissional dirigem e os alunos do ciclo básico atuam como assistentes.

O RESULTADO

Vários trabalhos já estão em fase de conclusão. São documentários realizados pela equipe de professores e alunos, baseados nas pesquisas feitas por eles próprios.

Ponto de Encontro — A produção é do Itamarati. É um filme sobre uma escultura de Mary Vieira, feita em lâminas de alumínio que o público movimenta à sua vontade. A escultura está no Palácio dos Arcos, em Brasília. O filme vai ser exibido na Bienal de Veneza.

Depoimento 1 — Um documentário em som direto sobre o arquiteto Oscar Niemeyer, onde ele traça um roteiro de suas obras, explicando de forma clara e detalhada seus principais projetos. Graças ao som direto e à explicação simultânea do arquiteto, foi criado um filme de conteúdo didático.

Vestibular-70 — Reportagem em som direto, feita na Universidade de Brasília em dezembro de 69, onde está documentada a participação de 5.400 estudantes nos exames vestibulares. É feita aí uma análise do comportamento do aluno que participa deste tipo de competição, de importância decisiva numa fase de sua vida.

ICC — Neste documentário é feita uma análise da utilização do processo pré-moldado na arquitetura brasileira. O filme documenta o trabalho de construção do prédio do Instituto Central de Ciências, que tem 720 metros de extensão, em forma de arco, e capacidade para 8 mil alunos. Foi projetado por Niemeyer. O filme mostra a ocupação do prédio, já pronto, pelos estudantes em exame vestibular. Neste prédio foi filmado o *Vestibular-70*.

Brasília Ano 10 — Produção do Departamento de Turismo de Brasília. A equipe da Universidade foi dirigida por Geraldo Sobral Rocha, que é diretor do Clube de Cinema de Brasília e estreia na direção.

Vários outros filmes estão programados, e o maior de todos os projetos deverá ser transformado em longa-metragem. Será um documentário sobre o cerrado brasileiro. Filmações serão feitas em Brasília, Amazonas e Nordeste, regiões onde se encontra este tipo de vegetação, que ocupa 25% do nosso território. Filmado em cores e 35mm, o trabalho integra vários departamentos da Universidade, como o de Sociologia, Botânica, Biblioteconomia, Economia, etc. O Departamento de Cinema fará o projeto do filme e com ele solicitará o financiamento da UNESCO, dada a importância do assunto e o tipo de pesquisa.